



# Simpósio de Integração Acadêmica

“Bicentenário da Independência: 200 anos de ciência, tecnologia e inovação no Brasil e 96 anos de contribuição da UFV”

SIA UFV 2022



## MEU ENCONTRO COM A AUTOETNOGRAFIA: PARA ONDE RUMAM NOSSOS PASSOS NA LINGUÍSTICA APLICADA

Autora: Helena Stürmer ([helena.sturmer@ufv.br](mailto:helena.sturmer@ufv.br)) Orientadora: Ana Maria Ferreira Barcelos ([anamfb@ufv.br](mailto:anamfb@ufv.br))

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Departamento de Letras (DLA) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Campus Viçosa

Categoria: Pesquisa

Palavras-chave: autoetnografia; linguística aplicada; metodologias

### Introdução

A palavra *emoção* significa energia em movimento. Aquilo que nos impele, que elaboramos pelos sentidos, que resulta de percepções/avaliações e que nos coloca a agir. Agimos em comunidade; em contexto sócio-histórico, por onde nossas relações nos constituem como sujeitos que, em constante transformação, assumem diferentes papéis sociais e identidades. Nesse fluxo, vamos negociando agência, construindo sentidos e tornando-nos – em um vai e vem – outros: estamos em *deslocamento*. Estudar emoções e subjetividades de professores no primeiro nível do ensino superior me fez refletir a respeito da sobreposição de identidades às quais somos interpelados na contemporaneidade. Quais vias a compreensão sobre elas nos abre em termos de possibilidades sobre o nosso agir no cotidiano, em nossos papéis sociais, com a linguagem? Ainda, anterior a isso, *como* estamos construindo e compartilhando conhecimento sobre identidades de professores, formadores de professores e de pesquisadores?

### Objetivos

Por isso, em minha pesquisa de Mestrado, busco compreender as contribuições que um percurso metodológico como o da autoetnografia pode revelar sobre as crenças, identidades e emoções no *tornar-se* pesquisadora em formação de professores e ensino e aprendizagem de línguas na Linguística Aplicada (LA) contemporânea.

### Material e Métodos

- Pesquisa qualitativa;
- Autoetnografia (eu sou sujeito participante da pesquisa e ao mesmo tempo a pesquisadora);
- Dados: registro das experiências vividas por mim e relatadas em diário de pesquisa, anotações de campo, anotações sobre as aulas e *insights*, trabalhos e relatórios produzidos para as disciplinas e registros fotográficos de cenas do meu cotidiano;
- Contexto: minha trajetória no mestrado em Letras no DLA/UFV.

### Resultados e Discussão

Esta pesquisa se encontra em estágio inicial, por isso a discussão não aponta a um resultado, mas às sensações, dúvidas, descobertas e desvios no caminho autoetnográfico percorrido até aqui, a começar por compreender o que é a autoetnografia. Entendida como uma possibilidade de narração do *self*, ela pode ser ao mesmo tempo método e texto, por onde é refletido o contexto no qual o narrador está inserido, com aquilo que lhe ocorre no dia a dia, a conexão com o social, o cultural, os espaços físicos. É justamente essa aproximação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado que torna o processo ainda mais desafiador e incômodo. Afinal, como posso, a partir de minha própria experiência, contribuir para a construção de conhecimento, a proporcionar uma vida social mais justa? Por que eu, dentre tantos e tantas outras, coloco-me a falar do local em que me encontro? Se minha ação é pesquisar a pesquisadora, qual contexto estou transformando? Percebo a dificuldade em apropriar-me de minha voz dentro do universo do *fazer científico*, pela insegurança de centralizar em mim a (auto)observação de meu campo/experiência quando meu entorno é tão multidisciplinar, e, ainda que dele façam parte pesquisas qualitativas, pululam os critérios de rigor, a confiabilidade, a cobrança pela relevância. O medo de não estar adequada às linhas teóricas, de não me inserir no discurso acadêmico e de não saber por onde começar minha pergunta/busca acometeram o estágio inicial desta pesquisa, período em que muitas abas fenomenológicas e pós-estruturalistas estiveram abertas na tela do computador sem apontarem para mim uma diretriz. Sentindo-me perdida, parei...

### Conclusões (re-situações)

...Assim, quando em confusão, a pausa; o silêncio, o distanciar-se. Retomar o olhar para onde se está, escutar e buscar por quem já trilhou caminho parecido ajuda a tornar o processo de pesquisa menos solitário. Desse modo, meus passos encontraram meus pares autoetnógrafas(os), que na LA contribuíram com suas experiências em ensino e formação pela interculturalidade, ecologia dos saberes, letramento crítico, decolonialidade...A autoetnografia mostra-se um caminho aberto, diverso e compartilhado.